



CRIAÇÕES

— Projetos

ENTREVISTA DE EDUARDA ROVISCO
(CRIA-ISCTE) A PEDRO ALMEIDA
(CRIA-ISCTE)

ABRIL DE 2022

Racismo e Xenofobia em Portugal

“Racismo e Xenofobia em Portugal: a normalização dos discursos de ódio no espaço público da internet” é um projeto de investigação, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), realizado entre maio de 2021 e fevereiro de 2022. O CRIAções assistiu à apresentação pública dos resultados desta investigação, que teve lugar no Museu do Aljube, e conversou com Pedro Sousa de Almeida, investigador responsável pelo projeto.

Partimos de um quadro teórico que defende que o racismo é estrutural no ocidente (...) e como tal não é um epifenómeno da história recente.

Eduarda Rovisco (ER): Como surgiu a ideia do projeto e quem são os investigadores da equipa?

Pedro Almeida (PA): No início de 2021, a FCT abriu uma série de concursos especiais que tinham a ver com os discursos de ódio na sociedade portuguesa, abrangendo várias temáticas, dos discursos racistas aos homofóbicos. Eu tenho vindo a trabalhar sobre racismo desde o doutoramento e, impulsionado por colegas do CRIA, decidi concorrer. A FCT pretendia o estabelecimento de uma perspetiva comparativa entre o período pré-pandémico e pandémico porque havia a perceção, e até as conclusões de alguns estudos que tinham sido feitos em outros contextos internacionais, de que a pandemia tinha exponenciado largamente a proliferação de discursos de ódio. Embora tenhamos tido esses dados em conta, partimos de um quadro teórico que defende que o racismo é estrutural no ocidente e, por conseguinte, na sociedade portuguesa e, como tal, não é um epifenómeno da história recente. Lançámo-nos neste desafio com o intuito

de mostrar que, pese embora o facto de se ter registado um aumento do volume dos discursos de ódio, havia já um quadro ideológico que sustenta estas narrativas ultrarracistas que não apareceram assim do nada.

A equipa inicial, que escreveu o projeto, era eu, a Ana Stela Cunha, colaboradora do CRIA, o Danilo Cardoso, doutorando em antropologia (ISCTE/NOVA) e o Pedro Varela que também trabalha sobre questões raciais, encontrando-se na fase de conclusão do doutoramento, no CES (Centro de Estudos Sociais). À equipa inicial juntou-se a Janainna Pereira, doutoranda em antropologia que estuda religiões afro-brasileiras e o Diego Cândido, que está a finalizar um mestrado na área da comunicação, cultura e tecnologias digitais, ligado também à questão racial. Estes dois investigadores fizeram comigo o grosso do levantamento e análise dos discursos de ódio.

ER: Que objetivos orientaram a pesquisa?

PA: Nós pretendíamos caracterizar e analisar os discursos de ódio racial na internet estabelecendo a tal perspetiva comparativa com o quadro pré-pandémico e também problematizar os discursos de ódio com o crescimento da extrema-direita, quer no contexto nacional, quer internacional. Não negligenciamos nem minorizamos o crescimento da extrema-direita e o seu impacto na proliferação dos discursos de ódio, mas sabemos bem que as narrativas racistas não estão, nem de perto nem de longe, cingidas a este campo político. Antes assim fosse, mas infelizmente estão muito mais disseminadas.

Pretendíamos também fomentar um debate teórico sobre a questão racial no contexto português, mais especificamente sobre os discursos de ódio racistas na internet. Evidentemente, sabemos que estes discursos não existem só no plano virtual. Há uma ligação efetiva entre o mundo do online e do offline. Por exemplo, analisámos as narrativas a partir de casos como a agressão à Cláudia Simões, as intervenções policiais no bairro da Jamaica, os constantes ataques a ativistas anti-racistas, especialmente a

Mamadou Ba e Joacine Katar Moreira, as pretensões de confinamento dirigidas à comunidade cigana, entre outros. Partindo da análise dos discursos, ficou evidente que o racismo não constitui um epifenómeno na história ocidental e europeia. É justamente o seu carácter estrutural que criou as condições para a consolidação e banalização das narrativas de ódio racial. E, por isso, estes discursos devem ser entendidos e problematizados a partir de um quadro ideológico bem mais abrangente.

“analisámos as narrativas a partir de casos como a agressão à Cláudia Simões, as intervenções policiais no bairro da Jamaica, os constantes ataques a ativistas anti-racistas, as pretensões de confinamento dirigidas à comunidade cigana”

ER: Relativamente à metodologia, percebi que englobaram várias redes sociais. Imagino que este vosso trabalho (ler discursos de ódio racistas) tenha sido muito angustiante, perturbador e violento. Como é que se organizaram?

PA: Sim. Para mim já é angustiante e revoltante, apesar de ocupar uma posição de privilégio, mas para a Janainna e para o Diego foi bem mais pesado. Não tendo as ferramentas necessárias para lidar com isto, fomos falando sempre uns com os outros ao longo do tempo. Trabalhamos muito a partir de casa, mas estivemos sempre em contacto uns com os outros.

Nós propusemo-nos abordar uma série de plataformas digitais, mas evidentemente que não conseguimos dar conta de tudo. Achámos que seria importante, por ser a rede social mais utilizada em Portugal, explorar os discursos em algumas páginas do Facebook. Num primeiro momento, a Janainna ficou encarregue de analisar os discursos nas caixas de comentário das páginas dos jornais *Público* e *Correio da Manhã* no Facebook. A escolha destes jornais

deveu-se ao facto de o *Correio da Manhã* ser, de acordo com os dados de 2020, o jornal mais lido pelos portugueses e do *Público* ser, em teoria, dirigido a um público de classe média e um jornal de referência. Pesquisámos também canais do YouTube e outras páginas no Facebook, algumas ligadas informalmente às forças policiais e outras páginas que destilam ódio não só racial, mas também político, em relação aos partidos situados à esquerda do Partido Socialista.

Numa primeira fase, eu e a Janainna, que somos antropólogos, fizemos análise qualitativa de discurso, estabelecendo um paralelo entre o tipo e a natureza dos discursos no quadro pandémico e pré-pandémico, para ver se existiam continuidades ou rupturas. Depois, com a entrada do Diego, que é também ativista anti-racista e mexe-se muito bem nas redes, achámos que poderíamos priorizar o Twitter em relação ao YouTube, porque o Twitter, além de permitir também extrair dados quantitativos a partir da busca por *hashtags*, é uma plataforma que tem ganho cada vez mais espaço, constituindo igualmente um veículo de propagação de ódio por parte de movimentos políticos próxi-



COMENTÁRIOS À NOTÍCIA “ACESSOR DO BLOCO DE ESQUERDA CELEBRA CONTRATOS DE 191 MIL EUROS” NA PÁGINA DE FACEBOOK DO *CORREIO DA MANHÃ*

24 DE JANEIRO 2019

2,3 mil reações
1100 comentários
1700 partilhas

Como é que um senegalês consegue cargos destes e a ganhar balurdios.enfim   2

3 ano(s) Gosto Responder Mais

Vai apregoar a tua moral para a tua terra..... o dinheiro que estás a ganhar é dos portugueses!  3

3 ano(s) Gosto Responder Mais

Vai te embora para a tua terra porque estás a fumentar ao racismo aonde em Portugal não há eu vejo tantos casamentos negros com brancas e vice versa aonde é que há racismo? Pergunto eu  4

3 ano(s) Gosto Responder Mais

DEVIA SER EXPULSO NÃO SÓ DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA COMO DO PAÍS TAMBÉM.....

3 ano(s) Gosto Responder Mais

Este turra tem de ser investigado e levado perante a justiça, por verbalizar comentários ofensivos à instituição PSP. Quem pensa que é este cromo mastrunço???

  5

3 ano(s) Gosto Responder Mais

É por uma corda ao pescoço e depois pegar lume este gajo anda gostar com os policiais e o povo português.

3 ano(s) Gosto Responder Mais

mos da extrema-direita. O Diego é que ficou encarregue dessa parte. Sem grande surpresa, os *tweets* mais comentados e mais replicados foram os que tiveram mais impacto no Facebook, por exemplo, os relativos às intenções de deportar Mamadou Ba ou os discursos de ódio em relação à Joacine Katar Moreira.

ER: E quais são as principais conclusões?

ED: As nossas conclusões estão em linha com o quadro teórico do qual partimos e que problematiza o racismo não enquanto algo que emergiu agora e que está situado no campo das atitudes individuais e das opiniões. Pelo contrário, nós concebemos o racismo como algo estrutural que é produto da história europeia e, no nosso caso, da história colonial portuguesa. O que ficou bem claro para nós é que os discursos de ódio que analisámos, e o teor dessas narrativas, estão profundamente ancoradas no imaginário colonial. E isso percebe-se quer nos discursos mais primários, quer nos mais filtrados, que não deixam de mostrar o quanto as noções civilizacionais ocidentais

derivam do confronto com o outro, que tanto pode ser o outro africano ou afrodescendente como o outro cigano ou muçulmano. Aqui entra a influência, que não descurámos, do CHEGA e de outros partidos de quadrantes políticos próximos. Na campanha das eleições legislativas de 2019 vimos também por parte do CDS-PP a mobilização dessa narrativa “nós vs outro”. Estes discursos de ódio também nos remetem para um imaginário de pertença, separando quem pertence e quem não pertence à nação. Aliás, estas questões são-me familiares, já que as trabalhei no meu doutoramento.

ER: Que é sobre futebol?

PA: Sim. Sobre como o contexto do desporto em geral, e do futebol em particular, alimenta e (re)produz o imaginário nacional.

Portanto, embora não descuremos o papel da extrema-direita e da sua normalização, ao analisar os discursos pré-pandémicos e pandémicos, vemos que há uma continuidade. Nós analisámos notícias do *Correio*

As pessoas que produzem estas narrativas de ódio continuam a negar o racismo e colocam o rótulo de racista nas pessoas que o combatem, produzindo a ideia de racismo inverso, muito presente e disseminada.

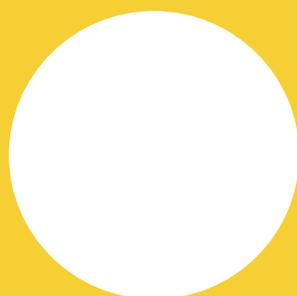
da Manhã e do Público, muitas delas com cerca de 800 comentários, sendo que, em muitos casos - a esmagadora maioria - eram discursos de ódio. Não nos parece que isto se cinja ao campo da extrema-direita. Mas o que é interessante é que esta banalização e normalização dos discursos de ódio conviva com a negação do racismo na sociedade portuguesa. As pessoas que produzem estas narrativas de ódio continuam a negar veementemente o racismo e colocam o rótulo de racista nas pessoas que o combatem, produzindo aquela ideia do racismo inverso, que está muito presente e disseminada. A ideia de que as pessoas que combatem o racismo é que são os instigadores do ódio. E isso deriva do facto de o racismo não ser discutido com a profundidade que se desejaria. Continua a alimentar-se a ideia de que o racismo tem a ver com a atitude individual de cada pessoa. Não se concebe como um sistema de opressão historicamente construído, mas sim como uma atitude individual que tanto pode dirigir-se de uma pessoa branca para uma negra, quanto o inverso. Trata-se de um sistema de opressão e privilégio, logo não faz sentido falar-se de racismo inverso.

Verificámos também que a própria pandemia aumentou a vigilância e o escrutínio exercido sobre as populações racializadas e imigrantes que vivem nos chamados bairros periféricos e sobre as populações ciganas. E aqui nem é necessário ir ver os comentários, basta ver alguns discursos oficiais do poder local que propunham confinar a população cigana, como aconteceu na Azambuja e em Castro Verde, que são autarquias dirigidas pelo PS. Mas de facto, o CHEGA conseguiu que se normalizasse e banalizasse completamente os discursos racistas dirigidos à comunidade cigana.

“Não se concebe [o racismo] como um sistema de opressão historicamente contruído, mas como uma atitude individual que tanto pode dirigir-se de uma pessoa branca para uma negra, quanto o inverso.”



Portanto, aumentou o escrutínio sobre essas populações e ao mesmo tempo, além da questão da negação do racismo, muitos destes discursos aparecem escritos sob a capa da liberdade de expressão. O racismo não é opinião, é crime. E há muita gente que se escuda nessa ideia de liberdade de expressão, considerando que isso lhes confere o direito de ofender, estigmatizar, desumanizar e inferiorizar o outro. Na verdade, trata-se de um exercício de poder. O racismo é uma questão política, de privilégio, de distribuição desigual de recursos materiais e simbólicos. A sua desconstrução implica esse reconhecimento. Somente a partir daí é que se poderá avançar com propostas e políticas públicas que sejam realmente capazes de combater as hierarquias raciais que se encontram perfeitamente estabelecidas na sociedade portuguesa. Estamos agora na fase final de elaboração de um website, tendo em vista a divulgação destas conclusões.



CRIAÇÕES É UMA PROPOSTA DE COMUNICAÇÃO DE CIÊNCIA DO CRIA E CONTA COM A COLABORAÇÃO DE DOUGLAS SANTOS, EDUARDA ROVISCO, VANESSA IGLÉSIAS AMORIM E VERA AZEVEDO.

DESIGN: MARIANA CAMACHO